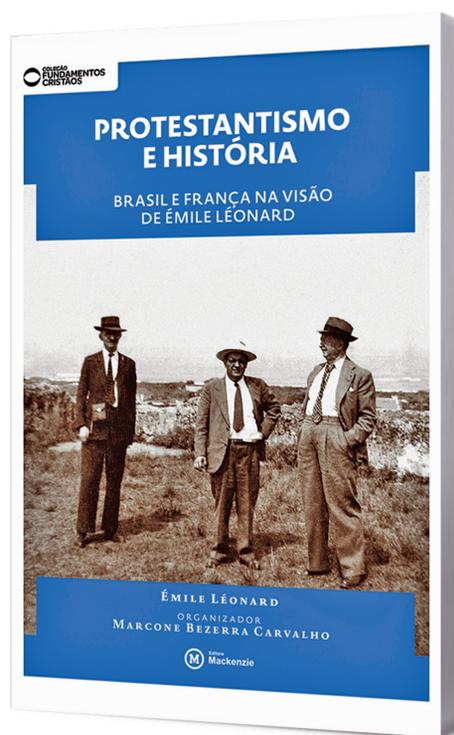


livros



A ATUALIDADE DE ÉMILE LÉONARD

Francisca Jaqueline de Souza Viração

PROTESTANTISMO E HISTÓRIA: BRASIL E FRANÇA NA VISÃO DE ÉMILE LÉONARD, DE MARCONE BEZERRA CARVALHO (ORG.), SÃO PAULO, MACKENZIE, 2013, 264 P.

“O protestantismo brasileiro é o sucesso mais marcante da Reforma Protestante nos tempos modernos, [...] apesar de ter sido importado, principalmente dos Estados Unidos” (p. 121). Essas são as palavras iniciais do artigo até então inédito em língua portuguesa (e também em francês) do maior historiador do protestantismo brasileiro, intitulado “O Denominacionalismo no Protestantismo Brasileiro”. Além desse, a obra organizada por Marcone Bezerra Carvalho reúne outros artigos de Léonard, inéditos em língua portuguesa.

Só isso já a tornaria de extrema relevância para a historiografia brasileira, em particular do protestantismo brasileiro, mas ela ainda traz novas contribuições teóricas vindas de seu grande historiador. Aqui parafraseio o título da apresentação do livro, feita por João Baptista Borges Pereira, cujo nome na antropologia brasileira dispensa apresentações. Seu orientando no mestrado em Ciências da Religião, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, e organizador da obra fez a introdução, na qual deixa claro quem era e quais as influências teóricas de Léonard. E da antropologia vemos em Léonard um ávido leitor, não só de Roger Bastide, como também de Emilio Willems e sua obra sobre o mundo camponês de Cunha, para entender o protes-

tantismo camponês do interior paulista à época de José Manuel da Conceição.

Intelectual da primeira geração dos *Annales* e já reconhecido internacionalmente como o grande historiador da reforma na França, esse não é um detalhe irrelevante para nós, já que essa temática ainda é bastante negligenciada por historiadores brasileiros. O fato de o livro *Martim Lutero, um Destino*, de Lucien Febvre, ter sido publicado no Brasil só recentemente é uma prova desse desinteresse. Recebemos em nossas terras um grandioso historiador, que não foi devidamente honrado pela historiografia brasileira.

Porém, Roger Bastide, ao escrever sobre o colega e amigo, em artigo publicado na França, que também faz parte dessa preciosa coletânea, atribui então a capacidade intelectual e a experiência de historiador de Léonard ao fato de analisar tão bem e em tão pouco tempo o protestantismo. Na opinião de Bastide, a grande capacidade permite-lhe fazer uma história comparada, nascendo assim a primeira teorização do protestantismo brasileiro, a que se parece com o protestantismo francês da época da reforma. Conclui Bastide:

“E foi assim que ele pôde compreender que o protestantismo brasileiro não era a expressão de uma revolta

FRANCISCA JAQUELINI DE SOUZA VIRAÇÃO é professora da Universidade Regional do Cariri, em Iguatu (CE), e da Faculdade Vale do Salgado, em Icó (CE).

contra o catolicismo, mas, antes de tudo, uma realização das necessidades profundas que o catolicismo fez nascer no interior das almas e que, ao mesmo tempo, não podia satisfazer. Estava ali uma ideia inteiramente nova, em oposição ao que os brasileiros, tanto protestantes quanto católicos, imaginavam, e que só podia nascer desse ‘irenismo’ do Sr. Léonard, desse respeito afetuoso com os ‘outros’, desse amor, que lhe permitia sempre descobrir o ponto, ou a extremidade da alma pela qual a comunhão se tornava possível” (pp. 47-8).

A famosa comparação de Léonard entre Brasil e França está presente em toda a coletânea, a começar pelo título de muitos artigos: “Experiências Espirituais Francesas e Brasileiras”, “Experiências Eclesiásticas Francesas e Brasileiras”, “Protestante Francês e Protestante Brasileiro”. Além desses, destaco, apesar de já tê-lo citado, “O Denominacionalismo no Protestantismo Brasileiro” pela preciosidade, por jamais ter sido publicado nem aqui e nem na França.

Nesse artigo inédito Léonard defende que essa postura de nosso protestantismo não é apenas por conta de uma herança do protestantismo de missão, mas por ser também caracteristicamente brasileira, já que aqui o protestantismo buscou suprir as necessidades deixadas pelo catolicismo. Essa percepção fez com que o grande historiador já visualizasse a vitória do pentecostalismo no Brasil: as igrejas por ele denominadas de iluministas (não em referência ao movimento filosófico, mas por buscar a iluminação interior) responderiam facilmente às necessidades espirituais de um país catolicamente messiânico. Mas, além do messianismo e de um protestantismo eminentemente urbano – como, para ele, é o caso do brasileiro –, o pentecostalismo responde “à mentalidade do jovem proletariado brasileiro, que aqui se desenvolve a toda velocidade e, em grande parte, já naturalizado” (p. 128).

Léonard prevê que o projeto pentecostal para os pobres venceria. De todos os artigos, o que mais chama a atenção é “Necessidade e Diretivas de uma Nova Conceção de História da Igreja”, de 1941, por ser de caráter mais teórico. Para Léonard a história da igreja deve deixar de ser uma história da instituição e do dogma para ser uma história da piedade, da prática religiosa, da vida do ser cristão. Nesse ponto Léonard mostra o quão “*Annale*” é. Os *Annales* são famosos por se preocuparem com os excluídos, por preferirem escrever sobre a Revolução Francesa através do testemunho de mulheres e soldados que cantavam diaria-

mente a “Marselhesa” a escrever com base nas ideias de Voltaire, na ação de Robespierre ou na vitória da burguesia como classe fundamentalmente revolucionária.

Vê-se também seu gosto e aptidão para a história comparada por defender a ideia de que o historiador protestante teria mais capacidade de melhor compreender o cristianismo e suas complexidades. “Um filho que deixou a casa paterna e formou um lar compreende melhor seus pais do que aquele que permanece perto deles, vivendo um tipo de infância prolongada [...]” (p. 69). O velho historiador ainda tem muito o que nos ensinar. A experiência de ler seus artigos inéditos é inexplicável, principalmente para aqueles que escrevem a partir desse referencial teórico.

Seu artigo “Brasil, Terra de História”, publicado pela primeira vez na *Revista de História*, da USP, em 1950, que também faz parte dessa coletânea, começa com uma pergunta retórica: “Que vai fazer o historiador no Brasil?”. Não há como não pensar em Marc Bloch e sua *Apologia da História*: “Papai, para que serve a História?”. É justo compará-los? Penso que sim. Bloch, Pirrene, Febvre, Braudel e Le Goff fizeram a “Revolução Francesa da historiografia”, na linguagem de Peter Burke. Léonard fez a Revolução Francesa da historiografia do protestantismo brasileiro e ainda é seu melhor intérprete e, por sua vez, Marcone Bezerra Carvalho, com a publicação dessa coletânea, recheada de artigos inéditos, garante que continue assim por muito tempo.

Livro de leitura obrigatória para todos que estudam o protestantismo brasileiro, precioso por seus artigos inéditos, que são incrivelmente atuais e ainda nos dizem muito para esse protestantismo ou protestantismos do século XXI, em que o fenômeno do neopentecostalismo com sua teologia da prosperidade cresce sem parar. Léonard não viu seu surgimento, mas sua teoria ajuda-nos a explicá-lo perfeitamente: uma nova necessidade de um país, onde só recentemente o consumo foi massificado.

Justo também é destacar o texto da contracapa no qual Wilson Santana Silva aponta a influência da “inteligência protestante” na fundação das humanidades no Brasil. Ora, o que veio fazer o historiador no Brasil? Nas palavras do organizador: “Passados 64 anos, Émile-G. Léonard volta à casa, agora não mais para apresentar quem quer que seja, mas para se dirigir diretamente aos brasileiros” (p. 40). Para encerrar, gostaria de enfatizar também a capa, pois nela estão, em foto raríssima, o filósofo João Cruz Costa, o historiador Lucien Febvre e Émile Léonard.